

O CORTIÇO E A PRISÃO - VIGILÂNCIA E CONTROLE: ALUÍSIO AZEVEDO E MICHEL FOUCAULT

Marcio Luiz Carreri¹
Cileide Luz Soares²

Resumo: O presente artigo pretende analisar as relações existentes entre a metaficção historiográfica e a ideologia presente no romance naturalista *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, mediante a articulação de uma leitura a partir do método foucaultiano. Processando diálogos entre aparentes e distintos campos e discursos, propõe uma reflexão sobre o controle e a disciplina por intermédio do panoptismo, utilizando como fonte de pesquisa a obra historiográfica *Vigiar e punir*, escrito por Michel Foucault em 1975.

Palavras-chave: Foucault, Aluísio Azevedo, *Vigiar e punir*, *O cortiço*.

Abstract: The current article intends to analyze the existing relations between metafiction historiographic and the ideology presented in the naturalistic romance *O Cortiço* (1890), from Aluísio Azevedo, by means of articulation of a reading from Foucault's method. Processing dialogues between apparent and different speech areas, it considers a reflection about control and discipline through panoptism, using as research source the *Vigiar e punir* book, by Michel Foucault in 1975.

Keywords: Foucault, Aluísio Azevedo, *Vigiar e punir*, *O cortiço*.

Introdução

Toda prisão tem seu vento.
Gilbert Gratiant

O presente artigo surgiu a partir de leituras e debates produzidos no espaço de ensino e pesquisas do G.I.M.F.³ e considera como fundamentais algumas premissas: a primeira é que consideramos

¹ Professor de História da UENP/FAFIPA. Mestre em História e Literatura pela UNESP-Assis, colaborador do LEPHIS e coordenador do GIMF - Grupo de Estudos Interdisciplinares. Autor de *Agulha no Palheiro*, publicado pela EDUEL (2ª edição). E-mail: carreri@uol.com.br.

² Professora de Letras-Literatura. Membro do GIMF. E mail: ci_fofuxa@hotmail.com

³ GIMF – “O Pensamento de Michel Foucault”. Projeto vinculado à UENP/FAFIPA, através do Departamento de História e do LEPHIS – Laboratório de Ensino e Pesquisa de História da mesma instituição.

Michel Foucault historiador⁴, em que pese ainda polêmicas a esse respeito e tantas outras em relação ao autor. Outra é a relação da história com a literatura, algo menos problemático, pelo menos hoje em dia, mas que ainda mantém de prontidão historiadores de vestes mais tradicionais. O texto pretende processar diálogos entre diferentes textos, de distintas épocas, de divergentes linguagens, sendo um auxiliando na compreensão (Foucault) do outro (Azevedo), tendo primazia as seguintes obras: *Vigiar e punir* e *O cortiço*, respectivamente. A primeira inaugurando o último quartel do século XX e a segunda abrindo a última década do século XIX. A opção metodológica é a análise de discurso, no caso o objeto em questão é a obra de Azevedo, historicamente importante por representar, de forma muito segura, as representações de uma época.

Quando pensávamos em História, há algum tempo, lembrávamos prioritariamente grandes vultos, de personalidades idealizadas e mitificadas, o que em conjunto fez com que a História tivesse uma “visão de cima”, sem se preocupar com a história das pessoas comuns⁵ e com suas experiências ou espaços de representação da sociedade. O historiador Foucault já demonstrou que as lacunas da pesquisa histórica foram superadas. Para ele

Os historiadores, como os filósofos e os historiadores da literatura, estavam habituados a uma história das sumidades. Mas hoje, diferentemente dos outros, aceitam mais facilmente trabalhar sobre material “não nobre”. A emergência deste material plebeu na história já data bem uns cinquenta anos. Temos assim menos dificuldade em lidar com os historiadores. Você não ouvirá jamais um historiador dizer: Foucault se ocupa apenas de medíocres.

⁴ As categorias de filósofo ou de historiador, geralmente atribuídas a ele, são, ao mesmo tempo, bastante imprecisas e por demais limitadas para caracterizar sua trajetória. Ao percorrer, com suas análises, campos de conhecimentos diversos, Foucault costuma romper com as divisões disciplinares tradicionais, o que faz suscetível de duras críticas, mas, por outro lado, também faz com que ainda hoje seus trabalhos tenham ressonância em muitas áreas do conhecimento, sobretudo nas ciências humanas. Acerca do método, Foucault empreendeu quatro para a pesquisa histórica, sendo o arqueológico, genealógico e estético, além da análise de discurso, que utilizamos neste artigo.

⁵ P. E. Thompson, em *Costumes em comum*, assim como Walter Benjamin, empreendeu pesquisas sobre a ótica dos vencidos, a história vista de baixo e a produção marxista da história também influenciou Foucault nos seus primeiros tempos.

O cortiço como micro-espaço de poder

A opção pelos mediócras é, por assim dizer, um critério foucautiano. Em *A vida dos homens infames* o pensador assim o fez, histórica e metodologicamente. E faz outro diagnóstico oportuno sobre o conhecimento histórico. Senão vejamos o que escreveu em sua aula inaugural (2/12/1970) denominada “A Ordem do Discurso”:

A história, no modo como é praticada hoje em dia, não se afasta dos acontecimentos, pelo contrário, ela alarga-lhes incessantemente o campo: descobre incessantemente novas camadas, mas superficiais ou mais profundas [...].

Esse novo campo profundo é o descrito em *O cortiço* (1987), na cidade do Rio de Janeiro, especificamente no periférico bairro de Botafogo, atribuí-se valor a um conjunto habitacional, muito por conta da força e efeito da literatura de Azevedo, que primazia o espaço, este ocupado por pessoas, numa relação de poder. Para Bosi:

Desistindo de mostrar um enredo em função de pessoas, Aluísio Azevedo ateu-se à seqüência de descrições muito precisas onde cenas coletivas e tipos psicologicamente primários fazem, no conjunto do Cortiço a personagem mais convincente do nosso romance naturalista (BOSI, 1979, p. 20).

Do lugar ao homem. A partir de Foucault, compreender uma época descrita “cientificamente” por Azevedo, lendo como um “romance social”. Não pensamos, *a priori*, o que realmente levou esse aglomerado humano a se desenvolver, e mais, que esse espaço possui subjetividades, formas e lugares de poder, a partir das relações, privilegiando o em torno do micro-espaço.

Por outro lado, o estudo da literatura conduzido a partir de uma preocupação histórica, por sua vez, ocupa-se de significados muito peculiares. Nesse sentido, enquanto a historiografia procura o ser das estruturas sociais, da realidade representada, a literatura fornece uma expectativa do vir a ser. “Ocupa-se, portanto, o historiador da realidade, enquanto o escritor é atraído pela possibilidade” (SEVCENKO, 1995, p. 20-1).

Ambas as existências se entrelaçam e repercutem umas nas outras. *O cortiço*, voltando à nossa questão, é o núcleo gerador de tudo e, feito à imagem de seu proprietário, cresce, desenvolve-se e se

transforma. A disciplina do horário, o despertar antes do dia começar, é emblemático nesse trecho da obra em questão: “Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas” (AZEVEDO, 1987, p. 16). Sobre isso observe esta passagem do texto de Foucault em *Vigiar e punir*:

A disciplina distribuir os indivíduos no espaço, estabelece mecanismos de controle da atividade, programa e evolução dos processos e articula coletivamente as atividades individuais. Utiliza recursos coercitivos como a vigilância, sanções e exames (FOUCAULT, 1997, p. 77).

Essa relação é vista em inúmeras passagens do romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, um naturalista que adota, no processo de elaboração de seu romance, o processo de romance social, crítica a capitalismo selvagem, a influência do determinismo de Taine e o evolucionismo de Darwin (raça, meio, momento, seleção natural), e outros temas como a força do sexo e a situação da mulher. Aluísio demonstra que o espaço é carregado de características socioeconômicas, morais e psicológicas em que vivem os personagens.

Não obstante, as casinhas do cortiço, à proporção que se atamancavam, enchiam-se logo, sem mesmo dar tempo a que as tintas secassem. Havia grande avidez em alugá-las, aquele era o melhor ponto do bairro para a gente do trabalho. Os empregados da pedreira preferiam todos morar lá, porque ficavam a dois passos da obrigação (AZEVEDO, 1987, p. 9).

Para Foucault a distribuição dos indivíduos no espaço (“noventa e cinco casinhas comportou a imensa estalagem”, AZEVEDO, 1987, p. 9), mediante a cerca, a fila forma um quadro real e ideal que permite identificar, classificar e controlar os indivíduos, como aponta o fragmento acima. Além de esquadrihar o espaço, de subdividir e recompor as atividades, a disciplina capitaliza o tempo e as energias dos indivíduos, de maneira que sejam suscetíveis de utilização e controle. Observe o fragmento abaixo:

Entretanto, agora o maior movimento era na venda à entrada do cortiço. Davam nove horas e os operários das fábricas chegavam-se para o almoço. Ao balcão o Domingos o Manuel não tinham mãos a medir com a criadagem da vizinhança; os embrulhos de papel amarelo sucediam-se, e o dinheiro pingava sem intermitência dentro da gaveta (AZEVEDO, 1987, p. 23).

Disciplina e controle

O controle das atividades é feito mediante o horário, que induz ao indivíduo a se dedicar e cumprir fielmente o que foi pré-determinado. Além disso, para obter maior eficácia e rapidez, a disciplina impõe uma relação entre um gesto e a atitude global do corpo, assim entre o gesto e o objeto.

Tal eficiência aumenta na medida em que tal manobra respeita e incorpora as exigências e o comportamento natural do corpo.

Da ambição e a exploração do homem pelo próprio homem: de um lado João Romão que aspira a riqueza. Do outro, Miranda, já rico, que ambicionava à nobreza, do outro o “cortiço”, caracterizado como um conjunto de animais, movidos pelo instinto e pela fome, metaforicamente a atitude de seus elementos é antropofágica, não existe uma possibilidade de mediação constante, apontando para a “única solução” como sendo a violência e morte.

Nos momentos do texto, que destacamos abaixo, observa-se o controle de um coabitar inviável de um condicionamento e sujeição e controle de um conjunto de indivíduos.

E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a ferver, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco (AZEVEDO, 1987, p. 10).

As corridas até a venda reproduziam-se num verminar de formigueiro assanhado (AZEVEDO, 1987, p. 18).

[...] possuindo-se de tal delírio de enriquecer, que afrontava resignado às mais duras privações. Dormia sobre o balcão da própria venda, em cima de uma esteira, fazendo traveseiro de um saco de estopa cheio de palha (AZEVEDO, 1987, p. 1).

[...] e seu tipo baixote, socado, de cabelos à escovinha, a barba sempre por fazer, ia e vinha da pedreira para a venda, sempre em mangas de camisa, tamancos, sem meras, olhando para todos os lados, com o seu eterno ar de cobiça, apoderando-se, com os olhos, de tudo aquilo de que ele não podia apoderar-se logo com as unhas (AZEVEDO, 1987, p. 8).

O cientificismo muito em voga na época de Azevedo, a comparação da gente pobre com os animais que se multiplicam, o subir na vida a qualquer preço beirando a sandice nos leva novamente a

Foucault e a sua história do corpo, no escopo da relação saber/poder tão bem engendrada:

[...] O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente ao aumento de suas habilidades, nem tampouco a aprofundar sua sujeição, mas à formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política de coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder, que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe (FOUCAULT, 1997, p. 126).

Pelas passagens transcritas, podemos perceber que o cortiço como personagem principal, ele é uma espécie de núcleo gerador do romance e da análise histórica. Em Hutcheon

A meta-ficção historiográfica refuta os métodos naturais, ou de senso comum, para distinguir ente o fato histórico e a ficção. Ela recusa a visão de que apenas a história tem uma pretensão à verdade, por meio do questionamento da base dessa pretensão há a historiografia e por meio da afirmação de que tanto a história como a ficção são discursos, construtos humanos, sistemas de significação e é a partir dessa identidade que as duas obtêm pretensão à verdade (HUTCHEON, 1991, p. 127).

Assim, o romance de Aluísio Azevedo, enquanto narrativa naturalista, enquanto meta-ficção historiográfica apresenta pretensões à verdade, na medida em que problematiza a História, numa “visão de baixo”. Esta visão se dá por meio do discurso do narrador “consciente” que produz denúncia social.

As mulheres são tema muito evidente no romance, no entanto são reduzidas a três condições, segundo o “sociólogo” Azevedo: 1ª de objeto, usadas e aviltadas pelo homem como é o caso da escrava Bertoleza e a portuguesa Piedade; 2ª de objeto e sujeito, simultaneamente a prostituta Rita Baiana; 3ª de sujeito que são a que independem do homem, prostituindo-se como lésbicas, os casos de Léonie e Pombinha.

A intensificação da ironia do narrador se dá ao analisarmos o comportamento de Jerônimo, quando aparece na estalagem de Romão é considerado e comparado a um Hércules. A figura mitológica aí não

é acidental, mas ganha mais sentido com a fisionomia do personagem, que depois entra em decadência, envolvido pelos elementos naturais do cortiço, no interior do qual foi viver, entra em degenerescência cometendo um assassinato. Essa análise, evidentemente, não esgota o conhecimento da estrutura do livro.

Delatada por João Romão, os antigos donos de Bertoleza diligenciam para capturar a escrava fugida. Procurada pelos policiais a negra suicida-se [...] era uma comissão de abolicionistas que vinha de casa, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito (AZEVEDO, 1987, p. 155).

Após analisarmos os fragmentos acima, podemos perceber que neste sentido a perspectiva de análise do poder desenvolvido por Foucault parece um tanto fecunda: “O poder vem de baixo”, isto é, não há, no princípio da relação de poder e como matriz geral, uma oposição binária e global entre os dominadores e os dominados (como querem os marxistas), dualidade que repercute de alto a baixo e sobre grupos cada vez mais restritos até as profundezas do corpo social. Aqui, o corpo social é entendido como o espaço circunscrito ao cortiço, como lugares de poder, que se entrelaçam, como uma rede.

O panóptico em *O cortiço*

“A inserção compulsória” do Brasil no período chamado de *belle époque*, já diagnosticada por Sevcenko (1995), a influência francesa na organização, na arquitetura, artes e estética da cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX, terminaram por provocar transformações rápidas na cidade. As construções de calçadões e monumentos impregnavam uma sociedade que gozava de grandes belezas naturais. Evidencia-se, naquele momento, um processo antigo de exclusão e marginalização, agora denunciada pelos lugares da cidade.

O contraste aqui descrito entre a população miserável da periferia e o luxo e esplendor da capital se reproduz em escala maior entre os países metropolitanos, os que dominam a economia mundial, e os periféricos (BOLLE, 1994, p. 29-30.)

A marginalização do “feio”, o trânsito da miséria, seus cheiros, doenças, ignorâncias e taras atraíam para si uma imensa carga de desconfiança, aversão, controle público, cientificidade e, no limite, terror.

Quanto ao desprezo, ele é o resultado das percepções que caracterizam os “dométicos” como portadores de um potencial nocivo que poderia, a qualquer momento, contaminar toda a sociedade.

Novamente Foucault:

Em suma, a arte de punir, no regime do poder disciplinar, não visa nem à expiação, nem mesmo exatamente à repressão. Põe em funcionamento cinco operações bem distintas: relacionar os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um conjunto, que é ao mesmo tempo campo de comparações, espaço de diferenciação e princípio de uma regra a seguir. Diferenciar os indivíduos em relação uns aos outros e em função dessa regra de conjunto que se deve fazer funcionar como base mínima, como média a respeitar ou como o ótimo de que se deve almejar. Medir em termos quantitativos e hierarquizar em termos de valor as capacidades, o nível, a “natureza” do indivíduo. Fazer funcionar, através dessa medida valorizadora a coação de uma conformidade a produzir (FOUCAULT, 1997, p. 163).

Enfim, traçar o limite que definia a diferença em relação a todas as diferenças, a fronteira externa do anormal. A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares que compara diferenças, hierarquiza, exclui por excelência. Em uma palavra, a de Foucault normaliza.

Nesses núcleos é que se localizam as habitações coletivas, no nosso caso, *O cortiço*, lugares precários, insalubres e superpovoados, já estigmatizados por Aluísio Azevedo.

Pode-se proceder a uma análise semiológica dos elementos a partir do desenho e disposição do sobrado do Miranda e os lugares se explicam e se completam em confronto com os elementos e localização da estalagem de João Romão.

Instaura-se a verticalidade a partir do nome Miranda. Do latim gerundivo de *miror*, admirar, que deve ser admirado e por ampliação “evidente”. Miranda contempla lá de cima o avanço de Romão preparando-se para se beneficiar e é lá de cima, de sua janela que assiste aos festejos e conflitos do cortiço vizinho.

O cortiço de Romão define-se por sua composição elementar, sua disposição é a horizontalidade, com janelas e portas alinhadas de um ponto de vista racial sua grande clientela é de pretos e mestiços; de um ponto de vista social todos são empregados, assalariados e os

elementos de outras “raças” que circulam pelo espaço acabam por se comportar como a maioria.

Ainda em relação à leitura semiótica encontraríamos a planta da expansão do cortiço, desde sua célula inicial a extensão, o linear, o crescimento horizontal/vertical expressos conteudisticamente na obra.

O arranjo panóptico dá a fórmula dessa generalização. Ele programa, ao nível de um mecanismo elementar e facilmente transferível o funcionamento de base de uma sociedade, toda atravessada e penetrada por mecanismos disciplinares (FOUCAULT, 1997, p. 172).

As noventa e cinco casas do cortiço podem ser classificadas com o panóptico que para Foucault são “esquemas diferentes, portanto, mas não incompatíveis. Lentamente, vemos se aproximarem e é próprio do século XIX ter aplicado ao espaço de exclusão de que o leproso era o habitante simbólico (e os mendigos, os vagabundos, as prostitutas, os loucos, os violentos formavam a população real), a técnica de poder própria da quadrícula disciplinar” (FOUCAULT, 1997, p. 165).

O fim trágico do cortiço é um incêndio que acidentalmente em ruínas, mas o mesmo é reconstruído. Na sua dimensão espacial e temporal, o crescimento urbano desordenado e a formação de aglomerados de favelas, que se estendem aos dias atuais, remetem-nos ao estabelecimento de relação entre semelhanças e diferenças dentro de um contexto histórico-literário, que a obra de Azevedo sensibiliza.

Aluísio Azevedo volta-se ao receptor. Sua produção tem endereço certo: o jornal, o teatro, o cinematógrafo e uma grande massa de leitores. *O cortiço* é a reafirmação simbólica de disciplina e poder real, estabelecendo a seriação de atos e a acumulação de forças, compondo as forças individuais sob comando centralizado infinito. Baseando-se ainda em Foucault:

O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina. E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um ‘chefe’, é o aparelho inteiro que produz ‘poder’ e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo (FOUCAULT, 1997, p. 158).

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna* (Representação da História em Walter Benjamin). São Paulo: Edusp, 1994.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir – história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1997.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Artigo recebido em março de 2008 e aceito para publicação em agosto de 2008.